

JOGOS E BRINCADEIRAS: ONTEM E HOJE

Games And Play: Yesterday and Today

Elizabeth Lannes Bernardes*

RESUMO

A pretensão deste estudo foi responder às questões: as brincadeiras tradicionais existiam no cotidiano das crianças do final do séc. XX? A rua ainda é local para as crianças brincarem, ou esse espaço lhes foi roubado devido à urbanização e industrialização? Utilizou-se, como *corpus*, um memorial sobre a infância e brincadeiras, realizado por graduandos de Psicologia. Concluiu-se que grande parte das crianças nascidas nos anos 80, em bairros afastados do centro da cidade, brincava na rua. Notaram-se diferenças entre brincadeiras masculinas e femininas. Observou-se que a rua, para a geração de 80, ainda é espaço lúdico, embora configure uma transição das formas sociais e instrumentais do brincar contemporâneo.

Palavras-chave: História da infância, memória, brincadeiras.

ABSTRACT

This work aimed at responding a few questions: do children in the end of 20th century play traditional games? Is the street still a place for children to play, or this space was taken from them due to urbanization and industrialization? Data for analysis was collected from a memorial about infancy and games produced by Psychology graduates. It was verified that most part of children born in the 80's, residents in the suburbs, would play in the streets. Differences between boys and girls' games were registered. It was observed that the street, for the 80's generation, still represents an entertaining space, although it also symbolizes a contemporary transition of social forms and instruments for playing.

Key words: History of infancy, memory, games.

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contatos: e.l.bernardes@uol.com.br

O objetivo deste texto é responder, de forma preliminar, às seguintes questões: as brincadeiras tradicionais faziam parte do cotidiano das crianças, nas últimas décadas do século XX? A rua continua sendo o local em que as crianças se reúnem para brincar, ou esse espaço lúdico lhe foi roubado devido ao acelerado processo de urbanização, particularmente da expansão imobiliária, do tráfego viário e da violência urbana? Utilizou-se, como fonte primária, um memorial sobre a infância e brincadeiras realizado por graduandos do 3º período de Psicologia, da Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2005.

O ato de brincar é importante e sempre ocupou um lugar privilegiado no universo infantil. Hoje, a consciência sobre o valor do ato de brincar constitui objeto de estudo de historiadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos, educadores que asseveram ocorrer, por intermédio de brincadeiras e jogos, a construção da cultura infantil, do arcabouço psíquico, sensorial e social das crianças.

Esse estudo parte do pressuposto de que o lúdico é fundamental para a educação e o desenvolvimento da criança. Segundo Kishimoto (1999, p.11):

(...) o jogo e a criança caminham juntos desde o momento que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca. Portadora de uma especificidade que se expressa pelo ato lúdico, a infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração.

Huizinga (2001), ao analisar o jogo como elemento da cultura, mostra que o lúdico não é uma atividade inata, biológica, não surge de forma natural, na criança. Segundo esse autor:

(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente convertidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana. (HUIZINGA, 2001, p. 33)

A partir dessa definição, pode-se evidenciar que a primeira característica do jogo é a de ser uma atividade livre e, quando sujeito a ordens, deixa de ser jogo; a segunda é de ser uma atividade que permite à criança, sobretudo, distanciar-se da vida cotidiana e entrar no mundo da fantasia, do faz-de-conta; a terceira é a existência de regras em todos os jogos e, quando estas são desrespeitadas, estraga-se o jogo, privando-o de todo e qualquer valor. O jogador que desobedece às regras é chamado de “desmancha-prazeres”, pois destrói o mundo mágico e esta figura é mais nítida nas brincadeiras infantis. Ressalta ainda que o jogo promove a formação de grupos sociais, a vivência comunitária e a capacidade que o indivíduo tem de colocar-se no papel do outro.

Essas características, apontadas por Huizinga, são fundamentais para o desenvolvimento infantil, particularmente ao se compreender que a cultura possui um caráter lúdico. Brincando e jogando, a criança estabelece vínculos sociais, ajustando-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Obedece às regras traçadas pelo grupo, como também propõe suas modificações. Aprende a ganhar, mas também a perder. Na experiência lúdica, a criança, assim como o adulto, cultiva a fantasia, vivencia a amizade e a solidariedade, traços fundamentais para se desenvolver uma cultura solidária na sociedade brasileira atual como demonstra Oliveira (2001).

Hoje em dia, o fato de que a infância deve ser a idade para a criança brincar, ir à escola e ser educada, parece-nos inquestionável. Entretanto, o conceito de infância não existiu sempre e da mesma maneira, como demonstra Philippe Ariès, no clássico *História social da criança e da família*. Para esse autor, o mundo medieval ignorava a infância. Não existia qualquer sentimento de infância, “a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (ARIÈS, 1981, p. 154). No momento em que a criança conseguia sobreviver sem os cuidados da mãe ou da ama, ela era integrada ao mundo dos adultos. Juntos aprendiam a brincar, a jogar e a arte de um ofício. A sociedade medieval representava a crianças como adultos em miniatura.

A “descoberta” do sentimento de infância ocorreu entre os séculos XV e XVIII, quando se reconheceu que as crianças necessitavam de tratamento especial, uma espécie de “quarentena” – escolarização, antes de ingressar no mundo dos adultos.

Recorrendo aos diários de Jean Héroard, médico do delfim da França, no início do século XVII, Áries (1981) e Manson (2002) evidenciam como eram as brincadeiras e a que períodos do desenvolvimento

físico e mental cada uma delas correspondia. Assim, Luis XIII brincava com os brinquedos habituais das crianças pequeninas: cavalo de pau, cata-vento, e peão. Com um ano e cinco meses, o menino jogava “malha e pela”, jogo que, nos dias de hoje, poderia ser comparado ao de golfe e críquete. Nessa mesma idade, aprendeu a tocar violino, a cantar e a dançar, o que revela a importância da música e da dança na educação dos meninos naquela época.

Em torno de 1600, a especialização das brincadeiras restringia-se à primeira infância; após os três ou quatro anos, ela desaparecia. “A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturada aos adultos” (ARIÈS, *ibidem*, p. 92).

No século XVIII, as atividades lúdicas dos adultos não apresentavam distinção em relação às desenvolvidas pela criança, compartilhavam dos mesmos jogos e brinquedos, inclusive com a presença ativa dos pequenos nas festas tradicionais e sazonais, das quais participava toda a comunidade, como o Natal, registrado por Héroard. Luis XIII, aos três anos, “viu a acha de Natal ser acesa, e dançou e cantou pela chegada do Natal” (ARIÈS, *ibid.*, p. 97); na comemoração no dia de Reis, era uma criança que distribuía o bolo de Reis a todos os participantes e, segundo Héroard, a 5 de janeiro de 1697, o delfim foi “Rei pela primeira vez”; na festa de São João, cabia às crianças pequenas acenderem a fogueira; na festa da Terça-feira Gorda, as crianças e a juventude traziam seus galos de briga.

Homens, mulheres e crianças brincavam de cabra-cega, guerra de bolas de neve, jogos de salão, como o de rima e o de mímica, ouviam os contos de fantasmas, lobisomens e do Barba Azul, diante dos quais as crianças ficavam apavoradas. Mme de Murat, ao discorrer sobre as fadas modernas, no final do século XVII, apresenta uma nova sensibilidade moderna sobre esse gênero:

*As fadas antigas, vossas precursoras, parecem criaturas frívolas comparadas a vós. Suas ocupações eram baixas e pueris, e só se divertiam as criadas e as amas. Todo o seu serviço consistia em varrer a casa, cuidar do fogão, lavar a roupa, embalar e adormecer as crianças, ordenhar as vacas, bater a manteiga e mil outras ninharias dessa ordem (...). Eis porque tudo o que nos resta hoje de seus feitos e gestos são apenas contos de fadas. (...) Elas não passavam de mendigas. (...) Mas vós, senhoras (as fadas modernas), vós seguistes por outro caminho. Só vós ocupais com coisas importantes. Dentre elas, as menos importantes são dar espírito àqueles que não o têm, beleza aos feios, eloqüência aos ignorantes e riqueza aos pobres. (ARIÈS, *ibid.*, p. 120)*

Nessa época não havia uma diferenciação entre brinquedos de meninos e de meninas. Luiz XIII brincava com bonecas e de fazer comidinhas com utensílios em miniatura, de prata, chumbo, cobre ou barro verde. Héroard constata que o delfim:

(...) brinca com uma pequena marmitta de cobre que a ama lhe dera, quer cozinhar uma sopa com carneiro, toucinho e conves; coloca-se aos pés do seu leito. [...] [Em outro dia] mostrou desejo de preparar uma papa no seu tachinho de prata. Tínhamos dificuldade em obter leite: pede-me que envie alguém à cozinha, onde diz haver grande quantidade. Pergunto-lhe de quanto precisa. “Six plene chaudiere” [seis tachos cheios]. (MANSON, 2002, p. 129)

Cabe destacar que cada contexto social produz uma cultura, a partir da qual emergem as concepções de infância, sua educação e a forma de brincar. Acompanhando os estudos históricos, observa-se que a diferença de gênero no lúdico é uma construção cultural. Assim, em torno dos anos 1600,

*(...) a boneca não se destinava apenas às meninas. Os meninos também brincavam com elas. Dentro dos limites da primeira infância, a discriminação moderna entre meninos e meninas era menos nítida: ambos os sexos usavam o mesmo traje, o mesmo vestido. (ARIÈS, *ibid.*, pp. 91-92)*

Entretanto, em torno dos sete anos, acontecia uma mudança na vida de uma criança do passado, particularmente para o menino. Esse abandonava o vestido comprido usado na infância e passava a usar calças curtas e um gibão; era proibido de brincar com bonecas e de carreteiro. Além disso, sua educação ficava sob a responsabilidade dos adultos do sexo masculino. O menino nobre aprendia a atirar, a caçar,

a montar a cavalo e a jogar jogos de azar. As meninas, em contrapartida, continuaram, por muito tempo, a ser tratadas como pequenas mulheres. As diferenças de gênero, tênues durante a primeira infância, tornaram-se mais aprofundadas. Para Ariès (1981.p.81):

O sentimento da infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiram mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos: seremos levados a observar mais uma vez esse atraso das mulheres em adotar as formas visíveis da civilização moderna, essencialmente masculina.

Como já foi demonstrado, nas sociedades tradicionais, adultos e crianças compartilhavam dos mesmos divertimentos, jogos e brincadeiras. A partir do século XIV, moralistas e pregadores, por um lado, condenavam toda prática de entretenimento, ou seja, a dança, a música, o teatro, os jogos de azar; a população, por outro lado, era indiferente a essas críticas. Entretanto, entre os séculos XVII e XVIII, surge uma atitude moderna em relação aos jogos, às brincadeiras e às crianças. Nesse novo sentimento, preocupa-se em preservar o aspecto moral e psicológico da infância. Proíbem-se os jogos considerados “maus”, como os de azar, por exemplo, e recomendam-se aqueles considerados “bons”, isto é, em que o corpo está em movimento. Enfim, distingue-se o universo da criança e o do adulto.

Para Kishimoto (1999), os jogos tradicionais infantis fazem parte da cultura popular, expressam a produção espiritual de um povo em uma determinada época histórica, são transmitidos, sobretudo, pela oralidade e sempre estão em transformação, incorporando as criações anônimas de geração para geração. Ligados ao folclore, possuem as características de anonimato, tradicionalismo, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade. As brincadeiras tradicionais, enquanto manifestações espontâneas da cultura popular, possuem a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social. Em seu estudo, demonstra a imagem da criança e os jogos tradicionais no Brasil. Indígenas, portugueses e africanos, três raças e culturas diferentes, determinaram os jogos das crianças brasileiras.

Ao retratar a imagem da criança na época do engenho de açúcar e da escravidão, Kishimoto (1999) tem como referência central a obra de Gilberto Freyre (1984) *Casa Grande & Senzala*. Para esse autor existiam duas representações para os meninos da casa grande: o *menino-diabo* e o *menino-bomem*. A primeira manifestava-se nas brincadeiras infantis, durante as quais o moleque, o menino negro era alvo das pancadarias e dos maltratos; a segunda quando a criança atingia sete anos era obrigada a vestir-se e comporta-se como adulto. Essa adultização precoce da infância levou os viajantes estrangeiros a afirmarem que no Brasil daquele tempo era um país sem crianças:

Os viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar este ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabelo bem penteado, às vezes frisado à Menino Jesus, o colarinho duro: calça comprida, roupa preta, botinas pretas, o andar grave, os gestos sisudos: um ar tristonho de quem acompanha enterro (Freyre, 1984, p.411)

Nas casas-grandes era costume do menino branco receber um ou mais moleques negros como companheiros de brincadeira que lhe serviam como cavalo de montaria, burros de liteira, de carro de cavalo, em que um barbante serve de rédea, um galho de goiabeira de chicote. Os meninos brancos reproduziam nas brincadeiras as relações de dominação da escravidão. Eram os “*manés-gostosos*”, os “*leva-pancadas*”.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis retrata as relações perversas entre o menino branco e o seu moleque:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava-lhe mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonho!” – ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta”!

Além desse folguedo, era comum o “jogo do belisco”, brincadeira de roda que, no final da cantoria, dizia “que lá vai um beliscão”; então, a última criança a ser atingida levava um beliscão; esse era

forte nos moleques e brandos nos sinhozinhos. Nos jogos de pião e soltar papagaio notavam-se resquícios do sistema escravagista:

Mesmo no jogo do pião e no brinquedo de empinar papagaio, achou jeito de exprimir o sadismo do menino das casas-grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no Norte, “de lascar-se o pião” ou de “comer-se o papagaio” do outro; papagaio albeio é destruído por meio da lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco de garrafa, oculto nas tiras de pano de rabo(Freyre, 1984, p.368).

As meninas, ao brincarem os jogos de faz-de-conta, reproduziam a vida do engenho, onde as meninas negras eram tratadas como servas pela sinhazinha. Segundo Kishimoto (1999):

O jogo simbólico auxiliava as meninas, tanto brancas como negras, a compreenderem a trama de relações de dominação da época e funcionava como mecanismo auxiliar para a incorporação dessas relações. A menina escrava, desde pequena, em seu papel de servir a senhora branca, obedecer lbe: e a menina branca, em seu posto de mando, de administradora de negras escravas.(p.46).

Os jogos de pião, amarelinha, pipa, bolinhas de gude, histórias de fadas, bruxas, castelos, advinhas e parlendas foram transmitidas pelos portugueses ao chegarem ao Brasil. A miscigenação índio-branco-negro e a falta de documentação sobre os jogos dos meninos negros no período colonial dificultam a especificação da influência africana no folclore infantil. Entretanto, foi pela linguagem oral que a mãe-preta transmitiu para as crianças o conto, as lendas, os mitos, as histórias de sua terra.

Cabe destacar que as mães africanas, as amas de leite modificaram as canções de ninar de origem portuguesa e, em vez do papão, surgem o saci-pererê, a mula-sem-cabeça, as almas penadas, a cuca, o boitatá, o lobisomem. Essas superstições, lendas e histórias eram contadas pelas amas negras às crianças choronas e malcriadas das casas grandes e senzalas. A linguagem infantil também foi enternecida pela ação da ama negra, que reduplicou a sílaba tônica dando às palavras um especial encanto: *cacá, pipi, bumbum dindinbo, mimi, neném, dodói, tatá.*

Ao estudar a imagem da criança indígena no Brasil, no início da República, Kishimoto (1999) constata que não existe separação entre o mundo do adulto e o da criança:

Misturados com os adultos, participando de tudo na tribo, pequenos curumins não se distinguem por comportamentos particulares como o brincar. Adultos e crianças dançam, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades e trabalham para sua subsistência. Mesmo os comportamentos descritos como jogos infantis não pertencem ao reduto infantil. Os adultos também brincam de peteca, de jogo de fô e imitam animais. Não se pode falar em jogos típicos de crianças indígenas. Existem jogos dos indígenas e o significado de jogo é distinto de outras culturas, nas quais a criança destaca-se do mundo adulto (Ibidem, p. 72).

Em trabalho pioneiro, Florestan Fernandes (1979), na década de 1940, estudou o processo de socialização das crianças residentes nos bairros operários que, após a escola, se reuniam nas ruas para brincar. Ele afirma que a criança participa ativamente da construção da cultura infantil, e que esta é proveniente da cultura dos adultos, cujos elementos são incorporados por um processo de aceitação e nela mantidos e transformados com o passar do tempo. Para esse autor:

Um único folguedo pode pôr a criança em contato com quase todos os valores e instituições da comunidade de modo simbólico, em seus grupos. (Ibidem, p.388)

O desejo comum de brincar, o contínuo trato com as mesmas crianças, a preferência por certos tipos de jogos, sua livre escolha, a liberdade de que goza nesses momentos e o interesse que lbe desperta o brinquedo em bando conduzem a criança à formação das primeiras amizades, dando-lhes a noção de posição social (Ibidem, p. 378)

Nesses grupos infantis, formados com finalidades lúdicas, a criança adquire espírito de solidariedade e disciplina, experimenta com seus pares diversas funções, obedece e elabora regras traçadas pelo próprio grupo, preparando-se e experimentando um sentimento que ultrapasse o nós – a consciência coletiva.

Ao analisar os memoriais sobre a infância dos graduandos do 3º período (2004) do Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Uberlândia, conclui-se que, para grande parte desses alunos, crianças nascidas nos anos 80, que viviam em bairros afastados do centro da cidade de Uberlândia e de outras cidades pequenas do interior de Minas Gerais e Goiás, a rua continuou sendo um espaço lúdico onde as crianças e adolescentes se reuniam para brincar de queimada, pique-esconde, amarelinho, barra manteiga, corre cotia, balança caixão, elástico, bambolê, caiu no poço e futebol, dentre outros jogos e brincadeiras.

Assim disse uma menina de Patrocínio:

Minha infância e toda minha adolescência foram passadas na mesma casa, brincando sempre na mesma rua, no Bairro São Vicente, em Patrocínio. A rua tinha um nome difícil “Adolfo Pieruceti” e foi o endereço de tanta recreação. Devo ressaltar que esta rua não era perigosa e quase não passava carro (...). Quase todos os dias, depois da aula, eu e a velha turma de vizinhos brincávamos na rua até a noite, quando a mãe cansavam de nos chamar.

Um menino de Uberlândia assim se expressou:

Aos quatro anos passei a residir em Uberlândia e vivi toda a minha infância e adolescência no Bairro Residencial Gramado e as brincadeiras aconteciam na rua da quadra de futebol e em algumas casas dos colegas, inclusive na minha.

Dessa mesma cidade, uma menina disse que:

Nasci em Conselheiro Lafaiete, mas moro em Uberlândia desde 1983. Com a idade de 3 a 5 anos morei no Bairro Brasil, na rua São Paulo. Aos seis anos de idade, mudei para o bairro Aparecida, na rua Jerônimo Martins do Nascimento, onde moro até hoje. Na minha casa tinha um quintal cheio de árvores onde eu e meu irmão subíamos nas árvores, brincávamos de esconde-esconde, tínhamos um pato, um cachorro e um coelbo (...). Naquela época o bairro não era muito valorizado e tinha muitos terrenos baldios onde as crianças podiam brincar. Não havia movimentos nas ruas, podia se brincar de correr e jogar bola no meio da rua e andar de bicicleta bem longe que não havia perigo.

Essas lembranças da infância mostram que a rua é da criança e os jogos e brincadeiras são espalhados de bairro em bairro, exceto no centro da cidade.

No final da década de 1970, a cidade de Uberlândia passou por um acelerado processo de industrialização e urbanização. As ruas do centro, pouco a pouco, foram se modificando, se transformando e, no lugar das casas com jardins e quintais, foram sendo construídos edifícios, magazines e lojas de departamento. Carros, motos, ônibus transitam hoje pelas ruas, usurpando o espaço dos grupos infantis.

Florestan Fernandes (ibid.), ao estudar as “trocinhas” do Bom Retiro, observou que a rua, na década de 40 em São Paulo, era o espaço de socialização, educação informal das crianças, sem interferência dos adultos e que à medida que a cidade avançava, o tráfego viário e a expansão imobiliária roubaram o espaço lúdico da criança.

Heywood (2004) constata que, no final do século XIX e início do XX, na Europa e nos Estados Unidos, “as ruas das cidades eram, em muito, território da criança, áreas onde, por consenso, os jovens e os velhos se metiam uns com os outros o mínimo possível” (p. 151) Hoje em dia, as crianças brincam no interior das casas, nos corredores e garagens de edifícios e nos parques.

A rua nem sempre foi considerada um local de integração entre os grupos infantis. Rago (1987), ao estudar o processo disciplinização da classe trabalhadora paulistana, entre 1890 e 1930, detecta que a rua passa a ser vista, por médicos higienistas, como um lugar maldito, formador de futuros delinquentes e criminosos. Assim se expressava o Dr. Moncorvo Filho:

Não preciso declarar, senhores, que me refiro à rua, a “nossa rua” (...) é nesse meio peçonhento para o corpo e para a alma que parte de nossa infância vive as soltas, em liberdade incondicional, em abandono, imbuindo-se de todos os desrespeitos, saturando-se de todos vícios, aparelhando-se para todos os crimes (p. 121).

Kishimoto (1999) demonstra que no início do século XX, na cidade de São Paulo, a classe dominante condena os jogos tradicionais de rua, associando-os às crianças pobres, acusadas de criminosas, maltrapilhas e promíscuas. As crianças ricas eram proibidas de saírem a rua, particularmente as meninas, e deveriam brincar nos quintais e clubes. Para essa autora “ a idéia do jogo associado ao prazer não era vista como importante para a formação da criança, mas tida como causadora de corrupção”(p.86).

Nos anos de 1980, alguns pais proibiam suas filhas de brincar na rua. É possível que um dos motivos para tal procedimento foi a ocorrência dos resquícios da disseminação do ideário, na Velha República, segundo o qual a rua era a “escola do mal”, local perigoso para a infância. Outra razão parece estar pautada no desejo dos pais em querer “proteger” suas filhas, o que os leva a impedir que essas tenham o contato com os meninos, para evitar comentários maldosos da vizinhança. Florestan Fernandes (1979) constata que a menina que brincava com os meninos era pejorativamente chamada de “mulecona” ou “mulher-macho” e seu comportamento desaprovado pelos adultos. Essas atitudes tradicionais em relação às meninas aparecem nos memoriais:

Assim disse a menina Paula:

Nasci em Uberlândia no ano de 1983 e passei toda a minha infância no bairro Liberdade, onde ainda moro atualmente (...). No período de 3 a 6 anos já freqüentava a escola e brincava apenas com meus irmão e primos dentro de casa. Aos 7 e 8 anos de idade ainda era proibido de brincar na rua. (...) Quando eu estava na 4ª série e completei 9 anos, eu passei a ter mais liberdade, podendo brincar na rua. Nessa mesma época, meus primos mudaram para minha rua e acredito que este fato influenciou meus pais a permitir que eu brincasse na rua.

A menina Carla afirmou:

Minha infância se deu na cidade de Uberlândia, onde eu nasci, em 1986, no bairro Jaraguá. (...) O bairro era muito tranquilo e a minha rua pouco movimentada, algumas vezes me distraía na rua com os vizinhos – mas não muitas, pois ainda assim, meus pais consideravam perigosos. A maior parte do tempo brincava com as vizinhas no quintal.

Outra garota Marcela assim se expressou:

Passei toda a minha infância em Coromandel. Sou filha única e por isso na maioria das vezes brincava sozinha em casa, principalmente no meu quarto e no quintal. Às vezes brincava com minhas vizinhas. (...) Na minha rua havia meninos e meus pais não deixavam que eu brincasse com eles.

Entretanto, há meninas que resistiram a essa normatização e outras, cuja própria família diminuía a discriminação entre sexos distintos, nos espaços lúdicos:

Fabiana, nascida em 1985, na cidade de Uberlândia, contou:

Fui do tipo moleca mesmo, sem ter aquele comportamento tradicional de menina em que as brincadeiras eram realizadas dentro de casa. Minha realidade era bem o contrário. Minha infância e toda minha adolescência foram na mesma rua (...) Quando chovia, nos reuníamos em casa e brincávamos de escolinha, chibotinho queimado, passa anel e gato mia. Na rua, a maioria das brincadeiras era com bolas e decorrer, como queimada, balança-caixão, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, pular corda, e de roda, de mês e sete pecados, etc.

Mariana, nascida em 1986, na cidade de Ituiutaba, lembrou:

Como meu irmão era mais próximo a mim em termos de idade, acabei fazendo parte das brincadeiras dele. Na rua onde morávamos havia muitos meninos e quase nenhuma menina. Esse foi outro fator que contribuiu para que eu tornasse uma moleca. Apesar de eu ser mais nova, os meninos gostavam de brincar comigo e me protegiam bastante. No começo meu irmão não gostava muito de me ver no meio da molecada, mas depois acabou se acostumando. Brincávamos de polícia e ladrão, bandeirinha, bete, vídeo game e de bolinha de gude. Nesta brincadeira eles não me poupavam, pois eu era boa e ganhava na maioria das vezes. Acho até que isto ajudou bastante para que os meninos me aceitassem na turma dele. Também jogávamos futebol, mas eu nem sempre já que eles me acabavam, me machucavam por serem mais fortes e maiores.

Pelo comportamento dos meninos e meninas, percebe-se que para essa geração, a segregação por sexo foi menor, no que se refere à escolha do local “rua” e a formação dos grupos infantis. No início do século, os grupos eram distintos e “brincar com meninas era algo degradante e em nossas conversas, nós a relegávamos a uma ilha remota da vida” (HEYWOO, 2004, p. 148), conforme informa Richard Wright (1908-1960), a respeito de sua infância, como criança negra na América do Norte. Florestan Fernandes também confirma essa discriminação por sexo na formação dos grupos infantis, na década de 40. A quadra popular abaixo, citada por Florestan (1979), ilustra essa segregação:

*Home com home
Muié com muié
Faca sem ponta
Galinha sem pé*

Cabe ressaltar que meninos e meninas brincam de formas diferentes, embora isso não signifique que ambos não possam brincar juntos. Existem jogos de habilidades, jogos em grupo, brincadeiras de rodas, brinquedos e jogos destinados tanto para o masculino quanto para o feminino.

Em geral as brincadeiras de meninos valorizam a dimensão física e agressiva, não somente nos jogos de exercício, como também nas brincadeiras simbólicas. Brougère (2004) constata que em jogos simbólicos, em cenas que as crianças utilizam os carrinhos, os meninos vivenciam a brincadeira com o tema de guerra. Esse autor afirma que nunca viu cenas desse tipo em brincadeiras entre meninas. Ao contrário, ele afirma sobre a dicotomia do sexo nesse aspecto: “a brincadeira e o brinquedo permitem ter acesso à lógica da distinção dos dois sexos” (p. 297), insistindo, portanto, na oposição entre as brincadeiras infantis.

Nos depoimentos, verifica-se que grande parte das meninas gostavam de brincar de bonecas (Barbie), de fazer comidinhas e roupinhas para elas; gostavam de brincar de casinha e de escolinha, cabendo à menina o papel de professora.

Maria, nascida em 1984, contou:

Eu gostava de brincar com várias coisas. O que mais se destacou na minha infância foi brincar com bonecas, principalmente a Barbie. Eu montava a casinha, organizava tudo, trocava as roupas das bonecas e até aprendi a costurar vestidinho com minha avó (...) Nessa brincadeira, eu sempre imaginava e representava os papéis de uma família “perfeita” e muito feliz. Havia o marido, a esposa, juntamente com os filhos, que tinham uma rotina básica: trabalho, escola, cuidar de casa, lazer e outros.

Bianca, nascida em 1986, recordou:

Brincava muito de Barbie, no quarto ou na sala de casa. Gostava especialmente de dar aulas para as bonecas, que tinham até seus cadernos em miniatura, feitos por mim. Colocava as bonecas sentadas no chão e começava a escrever num pequeno quadro as letras do alfabeto, ou lições de Matemática que havia aprendido na escola. Aplicava provas, ditados e elogiava as boas alunas (a bonecas estavam sempre com os deveres feitos). Imaginava depois que elas haviam crescido e arrumava um boneco para que se casassem, na Igreja. Eu mesma fazia o papel de padre. Depois tinha filhos e assim por diante, até que eu me cansasse.

Além da questão do gênero, cabe registrar que os jogos e as brincadeiras se modificam, à medida que as crianças vão crescendo. Na primeira infância predominam as brincadeiras de rodas. Estas têm origem em danças, romances e jogos europeus, principalmente portugueses, executados por adultos, entre os séculos XVI e XVIII. As brincadeiras de rodas mais populares entre as crianças são “Ciranda, cirandinha”; “Atirei o pau no gato”, “A canoa virou”, “Corre-cutia”, “Terezinha de Jesus”, “O cravo brigou com a rosa”, “Caranguejo”. Outros jogos tradicionais também fazem parte do cotidiano infantil: amarelinho, pular cordas, bolas de gude, balança caixão, iô-iô, barra manteiga, esconde-esconde, o gato mia, esconde-esconde, ordem, estátua, bandeirinha. Ao se aproximar da pré-adolescência, meninos e meninas jogam beto, queimada, vôlei, andam de patins, caiu no poço; e, com papel e lápis, brincam de forca, adedonha, *stop*, jogo da velha; e se fascinam com os jogos de vídeo game, conforme declarou Maria:

Um dos jogos favoritos era o vídeo game: nos reuníamos muito para jogar “Street fighter”, um jogo de luta. Cada criança escolhia um personagem e disputavam entre si no jogo (...) Tamanha era a importância desse campeonato que ficávamos treinando no período em que não nos encontrávamos.

A partir dessas observações – e pretendendo alinhar algumas considerações, ainda inconclusivas na totalidade – pode-se inferir que brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, aprende a conviver em grupo e aceita a participação de outras crianças de forma igualitária. Obedece às regras traçadas pelo grupo, como também propõe suas modificações. As conclusões a que se chegou assinalam que grande parte das crianças nascidas na década de 80 e que viviam em bairros afastados do centro da cidade, brincavam na rua. Inicialmente, brincadeiras de roda – ciranda, cirandinha; o caranguejo; marchasoldado, entre outras – acrescidas de jogos tradicionais ao longo da segunda infância, como: queimada, pique, amarelinha, polícia e ladrão, estátua, o gato mia, etc. Nota-se, ainda, uma diferença de gênero na qual as meninas brincam de bonecas, escolinha, casinha. Os meninos formam times de futebol. Vôlei, bicicleta, patins são comuns aos dois sexos. Introduzem-se, nessa década, os jogos de vídeo game. Observa-se, finalmente, que, para a geração de 80, a rua ainda é um espaço lúdico, apesar de configurar uma transição das formas sociais e instrumentais do brincar contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AMADO, João. *O universo dos brinquedos populares*. Coimbra: Quarteto, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BROGÈRE, Gilles. *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Brinquedo e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CADERNO Cedes 56. *Infância e educação: as meninas*. Campinas, SP: CEDES/Unicamp, 2002.
- CARDOSO, Simone Rossi. *Memórias e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar é só começar*. Londrina: Eduel, 2004.
- CHÂTEAU, Jean. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus, 1987.
- DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 1979.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko M. *O jogo e a educação infantil*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MANSON, Michel. *História do brinquedo e dos jogos – brincar através dos tempos*. Lisboa: Editorial Teorema, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Cultura solidária, feições lúdicas. IN: OLIVEIRA, P. de S. (Org.). *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001.

PERROTT, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1990.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VITÓRIA, M. I. C. O brinquedo e a brincadeira: uma relação marcada pelas práticas sociais. In: JACOB, Sissa (Org.). *A criança e a produção cultural – do brinquedo à literatura*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 2003.